

## ANÁLISE DAS CERÂMICAS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO MOCONHA E A POSSÍVEL PRESENÇA TUPI NO INTERIOR DA PARAÍBA (PARTE 2)

Thamires Silva Cavalcante <sup>1</sup>

Juvandi de Souza Santos<sup>2</sup>

---

1            Graduanda do curso Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus I e membro pesquisador do Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB (LABAP – UEPB). Email: thamiressilvacavalcante@gmail.com

2            Prof.Dr. Coordenador e orientador do LABAP – UEPB. Email: juvandi@terra.com.br

## RESUMO

O presente artigo é uma continuidade das pesquisas realizadas, a partir do material cerâmico oriundo do sítio arqueológico Tupi Moconha do município de Serra Grande, estado da Paraíba. Grande parte do material compõe-se predominantemente de motivos pintados e plásticos bem conservados, o que tem proporcionado comparações relevantes sobre a procedência Tupi gerando novas contribuições historiográficas sobre os nativos da Paraíba. Sendo assim, o estudo analisa os aspectos geométricos tanto das pinturas e motivos plásticos das vasilhas e cerâmicas, bem como, a coloração e semelhanças com materiais de outros sítios arqueológicos do Brasil.

**PALAVRAS CHAVE:** Cerâmica Tupi; Sítio Moconha; Aspectos geométricos.

## ABSTRACT

The present article is a continuation of the research conducted on ceramic material from the Moconha Tupi archaeological site in the municipality of Serra Grande, state of Paraíba. Most of the material is composed predominantly of well preserved painted and plastic motifs, which has provided relevant comparisons about the Tupi provenance generating new historiographical contributions about the natives of Paraíba. Thus, the study analyzes the geometric aspects of both the paintings and plastic motifs of the vessels and ceramics, as well as the coloration and similarities with materials from other archaeological sites in Brazil.

**KEYWORDS:** Tupi ceramics; Moconha site; geometric aspects.

## INTRODUÇÃO

Sabe-se que a ocupação nativa na Paraíba vai muito além dos predominantes povos Tupi concentrados na região do litoral e que desenvolveram maiores relações com os europeus, considerando que até então a ideia era de que:

Na Paraíba haviam duas raças de índios, os Tupis e os Cariris (também chamados de Tapuias). Os Tupis se dividiam em Tabajaras e Potiguaras (...). Esses índios locomoviam-se constantemente, deixando aldeias para trás e formando outras. Com esta constante locomoção os índios ocuparam áreas antes desabitadas. (LIRA, 2006, n.p)<sup>3</sup>

Os Tapuias nesse contexto, aparentemente seriam aqueles que conservaram mais puramente suas características naturais e “selvagens” localizados ao interior. Essa noção vem mudando mediante novos apontamentos que desconstruem a estagnada perspectiva dos primeiros povos citados não terem ocupado também o interior do estado.

3 LIRA, Leandro Lima. História da Paraíba: 2.3. A População Indígena. Algo Sobre, 27 de jul. 2006. Disponível em: <https://www.algosobre.com.br/historia/historia-da-paraiba-2.3.-a-populacao-indigena.html>.



Essa ideia sempre foi muito reforçada por diversas fontes coloniais, mas pesquisas como essa vêm justamente para tentar reescrever a história paraibana com novas fontes e olhares arqueológicos, para entender melhor como se dividiam e em quais áreas, de fato, habitaram os nativos, a partir de materiais coletados, além de buscar compreender um pouco do seu modo de vida. Sobre a temática, levanta-se a tese de que o povo Tupi chegou à região de Serra Grande por meio do estado do Ceará, justamente porque seria mais viável levando em consideração o espaço de 450 km da capital que separa o litoral do sertão dentro da Paraíba e “(...) no Ceará, como também se observa na Paraíba, houve grande influxo migratório de indígenas (...)” (STUDART FILHO, 1965, APUD, SANTOS & MORAIS, 2020, p.51).

A partir disso, aumenta a necessidade de exploração dessas perspectivas na busca por resultados promissores que efetivem as hipóteses apontadas, algo pretendido e que está sendo feito gradativamente no Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB com base no diverso material cerâmico do sítio arqueológico Moconha – Serra Grande, Paraíba, que apresenta fortes aspectos em suas pinturas e estrutura de fabricação que fazem referência aos modos da cerâmica Tupi.

## METODOLOGIA

A presente pesquisa segue dentro das áreas da história aliada a arqueologia com o objetivo principal de dar prosseguimento aos resultados preliminares apresentados em *Análise das cerâmicas do Sítio Arqueológico Moconha e a possível presença Tupi no interior da Paraíba* (DA SILVA, et al 2021). As análises macroscópicas das pinturas presentes nas cerâmicas realizadas em laboratório buscam interligar esse material com as inúmeras cerâmicas de procedência Tupi no Brasil, gerando breves estudos.

Dessa forma, todo o trabalho pode ser relativo a depender do material trabalhado, mas em geral ocorre partindo da escolha das peças, higienização pincelar em peças que estejam em melhor estado, identificação das cores, qualidade, geometria, localização e ilustração dos motivos pintados ou plásticos, tamanho e espessura, e outros atributos identificados através de uma lupa *ring light*, fotos e edição.

Para isso pesquisas estão sendo feitas através de artigos e teses, novamente utilizando como principal fonte a ficha analítica da importante obra de Fernando La Salvia e José P. Brochado; *Cerâmica Guaraní* (1989). Das principais referências, têm-se *História dos Índios no Brasil* (CUNHA (org.), 1992); *Arqueologia da área da Mina Dois Irmãos em São Mateus do Sul – Paraná* (CHMYZ, 2009); *A cerâmica tupinambá na serra de Santana, RN: O sítio*

*arqueológico Aldeia da Serra de Macaguá I. (NOGUEIRA, 2011); Os Ceramistas Tupiguarani. Volume II. Sínteses Regionais. (PROUS, A; ANDRADE Lima, T. 2010); SANTOS & MORAIS (2020) e Possibilidades de interpretação do conteúdo simbólico da arte gráfica Guarani (TOCCHETTO, 1996).*

## **ANÁLISES DAS CERÂMICAS**

De forma geral, as análises constituem nas seguintes etapas tais como: destacar as características gerais, espessura, coloração interna e externa, localização dos motivos e geometria das pinturas presentes em duas cerâmicas do sítio arqueológico Tupi Moconha – Serra Grande. Nesse viés, objetiva-se elencar um comparativo com outras cinco cerâmicas do mesmo sítio anteriormente analisadas, um fragmento do sítio Tupi Boa Vista – Serra Grande e duas cerâmicas do Sítio PE 013 – Iguarassu estado de Pernambuco e PE 496 – Joaquim Nabuco, também no estado de Pernambuco.

## **DIMENSÕES DAS CERÂMICAS**

Das peças selecionadas do sítio Moconha, a primeira é caracterizada por superfície interna e externa alisada, (ainda se encontra em processo de limpeza em laboratório), mas já é possível identificar a presença predominante de motivos sobre engobo bege ou branco, alguns deles em bom estado de conservação e outros com alguns vestígios de pintura. A cerâmica 1 (figura 1) mede 58x24,5cm, 1cm de espessura e borda com 62cm contando com cor vermelha, além de motivos triangulares com 3 a 5 cm de largura e comprimento, motivos lineares horizontais próximos a borda e na parte externa linhas centrais do bojo a base com 1mm a 3mm de espessura. A segunda cerâmica (figura 2) mede 6,5x9,5cm, 1cm de espessura e agrega motivos superiores e centrais com linhas de 1mm a 3mm de espessura.

## CERÂMICAS ANALISADAS

FIGURA 1: CERÂMICA 1 – SÍTIO MOCONHA, SERRA GRANDE – PB.



CRÉDITOS DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

FIGURA 2: CERÂMICA 2 – SÍTIO MOCONHA, SERRA GRANDE – PB.



CRÉDITOS DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

## RESULTADOS DA PRIMEIRA ANÁLISE

Todos os motivos demonstram terem sido feitos com pincel, que nesse caso faz referência a instrumentos que exercem tal função, a exemplo de um graveto maleável. A primeira peça compõe-se de coloração marrom externa, triângulos na cor preta, distribuídos por todo o espaço ao centro, amparados por linhas na cor vermelha e a mesma cor presente cobrindo toda a borda da cerâmica de cima para baixo como dito anteriormente, que “serve

exclusivamente para defini-la ou delimitá-la (...)” (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p.100). A presença dessas cores tem sido sempre encontrada em todas as cerâmicas já trabalhadas e, a partir disso pode - se considerar sobre a pintura Tupiguaraní que:

O preto e o marrom escuro têm uso equivalente, sendo todos os desenhos de pontos feitos com estas cores, cujo conceito corresponde a “muito escuras” O vermelho e o preto (principalmente no litoral central, nordeste e centro-oeste) foram utilizados para traçar as linhas. Exclusivamente o vermelho forte (...) foi utilizado para pintar o lábio das vasilhas e as bandas que ressaltam as inflexões das paredes e das bordas reforçadas. (PROUS, 2009, p. 12).

**FIGURA 3:** MOTIVOS EXTERNOS NA BORDA DA PRIMEIRA CERÂMICA. (IMAGEM EDITADA).



**CRÉDITOS DA IMAGEM:** THAMIRES SILVA CAVALCANTE

**FIGURA 4:** MOTIVOS INTERNOS DA PRIMEIRA CERÂMICA.



**CRÉDITOS DA IMAGEM:** THAMIRES SILVA CAVALCANTE

Particularmente sobre os motivos, têm-se na parte externa da borda da primeira cerâmica de forma horizontal motivos em losangos entreabertos (figura 3), nesse caso ligados como se fossem ‘cordas de maneira parecida em cores e formato à borda da cerâmica possivelmente Tupiguarani e de uso fúnebre do Sítio PE 496 – Joaquim Nabuco (figura 12), onde geralmente, esses “(...) podem ser desenhados individualmente – sejam eles alinhados na horizontal, ou encaixados na vertical”. (PROUS, 2010, p. 142).

## CERÂMICAS COMPARADAS

**FIGURA 5: CERÂMICA 3 – SÍTIO MOCONHA, SERRA GRANDE – PB.**



**CRÉDITOS DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE**

**FIGURA 6: CERÂMICA 4 – SÍTIO MOCONHA, SERRA GRANDE – PB.**



**CRÉDITOS DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE**

**FIGURA 7: CERÂMICA 5 - SÍTIO TUPI BOA VISTA – SERRA GRANDE – PB.**



**CRÉDITOS DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE**

**Figura 8:** Cerâmica 6 – Sítio Moconha, Serra Grande – PB.



**CRÉDITOS DA IMAGEM:** THAMIRES SILVA CAVALCANTE

**FIGURA 9:** CERÂMICA 7 – SÍTIO MOCONHA, SERRA GRANDE – PB.



**CRÉDITOS DA IMAGEM:** THAMIRES SILVA CAVALCANTE

**FIGURA 10:** CERÂMICA 8 – SÍTIO MOCONHA – SERRA GRANDE – PB.



**CRÉDITOS DA IMAGEM:** THAMIRES SILVA CAVALCANTE

**FIGURA 11:** SÍTIO PE 016 – RECIFE - FRAGMENTO DE CERÂMICA PINTADA**FONTE:** COSTA (2018)**FIGURA 12:** SÍTIO PE 496 – JOAQUIM NABUCO**FONTE:** COSTA (2018)

As quatro linhas paralelas na horizontal abaixo da borda (figura 4) vão de encontro às linhas presentes na cerâmica do Sítio PE 016 – Recife (figura 11) e já são características na maioria das cerâmicas tanto do sítio Moconha, quanto pelo Brasil no gênero Tupiguarani que “(...) utilizavam, sobretudo, linhas onduladas ou retas. As primeiras costumam formar feixes paralelos, nos quais estão agrupados aos pares (que denominamos “fitas”), materializados por “elementos de reforço”, que são pontos, traços ou triângulos” (PROUS, 2009, p. 13).

Abaixo disso, temos os triângulos já citados que podem representar “bicos de pato” ou borboletas, justo porque “Os motivos seriam representações de entidades, animais ou vegetais (...)” (LA SALVIA & BROCHADO, 1989, p. 95). Essa geometria é comum internamente em cerâmicas da região Nordeste.

## MOTIVOS TRIANGULARES

**FIGURA 13:** DETALHES DA CERÂMICA 1. (IMAGEM EDITADA).



**CRÉDITOS DA IMAGEM:** THAMIRES SILVA CAVALCANTE

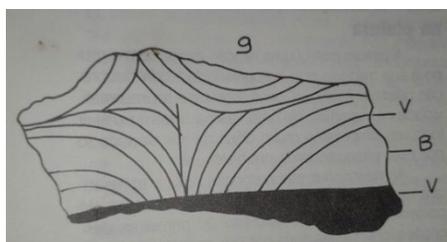
**FIGURA 14:** DETALHES DA CERÂMICA 3. (IMAGEM EDITADA).



**CRÉDITOS DA IMAGEM:** THAMIRES SILVA CAVALCANTE

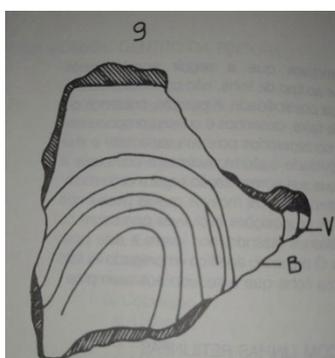
Um ponto relevante é o fato de que cinco das cerâmicas do sítio Moconha aqui trabalhadas elencam como características geométricas e suas respectivas localizações a forma triangular acompanhada de linhas vermelhas nas mesmas cores, além de compartilhar os demais aspectos citados, o que demonstra ser um padrão indígena da região de Serra Grande – PB. As linhas vermelhas encontradas ao centro das duas cerâmicas e das demais, podem ser classificadas enquanto volutas, curvilíneas, laços ou até mistilíneas que fazem sentido com as cerâmicas apresentadas em “Cerâmica Guarani” (1989) (figura 15), (figura 16).

**FIGURA 15:** MISTILÍNEA CONTINUA DUPLA(...) PINTURA EXTERNA, VERMELHO SOBRE BRANCO. ÁREA DO ALTO URUGUAI, SUBÁREA DE MACHADINHO.



**FONTE:** LA SALVIA & BROCHADO (1989)

**FIGURA 16:** CURVILÍNEA CONTINUA SIMPLES, FINA, COM FORMA ELIPSODIAL, CONCÊNTRICA. PINTURA EXTERNA, VERMELHO SOBRE BRANCO. ÁREA DO ALTO RIO URUGUAI, SUBÁREA IRAÍ.



**FONTE:** LA SALVIA & BROCHADO (1989)

Todas as peças contam com grandes detalhes e tem pouca incidência de uso caseiro, não apresentam fuligem, exceto a segunda de forma interna (figura 2), o que faz pensar que podem ter sido utilizadas para colocar líquidos, ou alimentos que causam pouco desgaste em ocasiões fúnebres a depender da dimensão da bacia que no caso da primeira cerâmica (figura 1) demonstra ter pertencido a uma vasilha grande e aberta. 4 O próximo material trata-se de um fragmento de cerâmica Tupi também do sítio arqueológico Moconha. Foram identificados dois tipos de pintura pincelar em caráter conservado sobre engobo branco ou bege e, a partir disso, o procedimento de higienização foi iniciado, mas foi interrompido para evitar deteriorar a pintura. A cerâmica (figura 17) mede aproximadamente 8x6cm correspondendo a uma peça da borda e bojo de uma vasilha, com as pinturas distribuídas na parte interna e externa. As cores constantemente identificadas são vermelho, marrom ou preto. Os motivos horizontais medem de 6 a 7 cm de comprimento, os motivos oblíquos medem de 3 a 4 cm e todas as linhas são de traço fino/médio.

4 PROUS (2009, pp.12-13).

FIGURA 17: CERÂMICA DO SÍTIO MOCONHA, SERRA GRANDE – PB.



CRÉDITOS DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

Na parte superior nos motivos internos existem linhas que delimitam um motivo do outro. Acima se encontram 2 pares de linhas cruzadas oblíquas formando ‘ampulhetas’ e imprimindo-se na mesma posição na parte de trás cerradas por duas linhas verticais, exceto por uma sutil diferença na largura do motivo oblíquo. Prosseguindo, abaixo na parte interna estão dispostas seis linhas paralelas alinhadas em direção horizontal, sendo quatro na cor vermelha limitadas por duas na cor marrom, características constantes aos demais materiais do sítio. Externamente o engobo está deteriorado deixando transparecer uma coloração preta possivelmente proveniente da confecção da cerâmica.

FIGURA 18: MOTIVO 3 -SUCESSÃO DE LINHAS HORIZONTAIS PARALELAS (FRAGMENTO PECG-03-19762-3)



FONTE: LOPES, M.P.; ET AL. 2018.

FIGURA 19: MOTIVO 2 – LINHAS VERTICAIS E OBLIQUAS FORMANDO LOSANGOS (FRAGMENTO PECG-03-19792/PECG-03 20206).



FONTE: LOPES, M.P.; ET AL, 2018.

**FIGURA 20:** MOTIVO 4: LINHAS OBLÍQUAS FORMANDO TRIÂNGULOS (FRAGMENTO PECG-03-20073-1/ PECG-03-20073-2).



FONTE: LOPES, M.P.; ET AL, 2018.

## RESULTADOS DA SEGUNDA ANÁLISE

O comparativo foi feito com base no artigo *Motivos gráficos dos vestígios cerâmicos do Sítio Cachoeirinha I, Piauí* a partir dos materiais analisados em referência aos elementos Tupiguarani, provenientes da Chapada do Araripe e trouxe correspondências importantes com respeito às cores, geometria e localização dos motivos. A primeira cerâmica comparada (figura 18) apresenta “Motivo formado por uma sucessão de linhas horizontais paralelas (...)” (LOPES, M.P. et.al. 2018, p.107), desse modo traz semelhanças geométricas e de cores com a cerâmica do sítio Moconha. A segunda cerâmica (figura 19) traz motivos em direção vertical e oblíqua e cor marrom de maneira parecida aos motivos identificados na borda da cerâmica do Sítio Moconha. Para a terceira cerâmica (Figura 20) é atribuída à mesma geometria da anterior e corresponde aos motivos oblíquos.<sup>5</sup>

## TERCEIRA ANÁLISE

As informações a seguir são referentes à terceira análise de quatro fragmentos de cerâmica vinculados ao Sítio tupi Moconha com o objetivo é elencar cores, geometria e espessura.

5 LOPES, Marlos Pereira et al. MOTIVOS GRÁFICOS DOS VESTÍGIOS CERÂMICOS DO SÍTIO CACHOEIRINHA I, PIAUÍ. FUMDHAMENTOS (2018), vol. XV, n. 1. pp. 93-118. Disponível em: <http://fumdham.org.br/wp-content/uploads/2019/02/fumdham-fumdhamentos>. Acesso em: 10 de dez. de 2021. Disponível em: [http://fumdham.org.br/wp-content/uploads/2020/03/fumdham-fumdhamentos-xvi-2019-n-1-\\_318790.pdf](http://fumdham.org.br/wp-content/uploads/2020/03/fumdham-fumdhamentos-xvi-2019-n-1-_318790.pdf). Acesso em: 10 de dez. de 2021.

## DIMENSÕES DAS CERÂMICAS

A primeira cerâmica (figura 21) mede 20x19cm, espessura de 1,5 a 2cm, 8cm de borda horizontal e 7,5cm vertical, contando com seis marcas de decoração plástica com 1cm (figura 22). A segunda cerâmica (figura 24) tem 19x19cm, espessura entre 1,5 e 2cm, 17cm de borda horizontal e 8cm vertical, 24 marcas de decoração plástica de 1cm. A terceira peça (figura 25) tem 32x26cm, 1,3cm de espessura, borda horizontal 27,5cm e vertical 8cm, 19 marcas com 1 a 0,5cm. A última peça (figura 26) mede 14,5x6, 5cm, 1,3 de espessura, borda horizontal 11cm e vertical 8,5cm, 16 marcas de 0,5cm.

## RESULTADOS DA TERCEIRA ANÁLISE

Constatou-se que todas as cerâmicas possuem características bem conservadas, a exemplo da fuligem, nesse caso, localizada externamente e que durante a etapa de limpeza foi removida parcialmente revelando uma parte mais original da cerâmica. As cores internas seguem o mesmo padrão de baixo para cima com marrom e engobo vermelho ou rosa, resquício de preto azulado na terceira cerâmica, próximo à base, pouca coloração na última cerâmica e as bordas mais alongadas. A cerâmica três (figura 25) apresentou na parte interna vestígios na cor branca, que podem ser restos de alimentos ou mofo, conclusão que pode ser alcançada a partir de estudos mais detalhados. Ademais, todas as cerâmicas apresentam em seu interior esquerdo ou direito coloração preta acinzentada que pode ser oriunda da queima e utilização no meio comum.<sup>6</sup> O diferencial é a decoração plástica “(...) que resulta da modificação tridimensional da superfície da parede de uma vasilha com argila ainda moldável e anterior à queima” (LA SALVIA E BROCHADO, 1989, p. 35), localizadas em cima das bordas em direção vertical que pode corresponder a lâminas, gravetos ou ainda o:

(...) uso da impressão da unha sobre a parede previamente alisada, mas ainda moldável, para formar depressões características em alinhamentos horizontais ou verticais, (...) impressões, distribuição concentrada ou dispersa no corpo da vasilha, pode ser denominado simplesmente *Ungulado* (...) (SCHMITZ, 2010, p. 12).

Também é enfatizado sobre esse tipo de cerâmica que os “(...) usos conhecidos e/ ou sugeridos estão relacionados com preparo, consumo e conservação de alimentos e bebidas; (...)” (IDEM, 2010, p. 8). Novamente em comparação com a pesquisa A cerâmica

<sup>6</sup> DELFORGE, Alexandre Henrique. O sítio arqueológico Cerâmica Preta: estudo das técnicas e da cadeia operatória da cerâmica queimada em ambiente redutivo dos povos pré-coloniais praticantes da tradição cerâmica Aratu-Sapucaí. 2017. Tese de Doutorado

arqueológica na terra indígena Kaiabi (MG/PA) essa traz consigo semelhanças com as cerâmicas do sítio Moconha tanto pela fuligem quanto pelo engobo vermelho ou rosa. No que concerne à decoração plástica, esta faz referência ao que destaca La Salvia e Brochado em Cerâmica Guarani (1989) especificamente quanto ao tipo ungulado arrastado enquanto “(...) aquele em que o artesão ao produzir a unguilação arrasta uma parte da argila aumentando a expressão decorativa e aumentando a argila no sentido contrário” (figura 31). (LA SALVIA E BROCHADO, 1989, p. 5).

## CERÂMICAS ANÁLISADAS

FIGURA 21: CERÂMICA 1 - SÍTIO MOCONHA, SERRA GRANDE - PB



CRÉDITOS DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

FIGURA 22: DECORAÇÃO PLÁSTICA PRESENTE NA BORDA DAS CERÂMICAS



CRÉDITOS DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE

**FIGURA 23: FACE EXTERNA DA CERÂMICA 1.**



**CRÉDITOS DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE**

**FIGURA 24: CERÂMICA 2 - SÍTIO MOCONHA, SERRA GRANDE - PB**



**CRÉDITOS DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE**

**FIGURA 25: CERÂMICA 3 - SÍTIO MOCONHA, SERRA GRANDE - PB**



**CRÉDITOS DA IMAGEM: THAMIRES SILVA CAVALCANTE**

**FIGURA 26:** CERÂMICA 4 - SÍTIO MOCONHA, SERRA GRANDE - PB



**CRÉDITOS DA IMAGEM:** THAMIRES SILVA CAVALCANTE

## IMAGENS COMPARATIVAS

**FIGURA 27:** ACABAMENTOS DE SUPERFÍCIE DOS FRAGMENTOS NÃO CLASSIFICADOS.



**FONTE:** GASPAS, 2014, P.133.

**FIGURA 28:** FRAGMENTOS DO SÍTIO MC DE BASE, COM BANHO, DEPÓSITO DE CARBONO, INCISOS NA FACE INTERNA, BANHO E FULIGEM



**FONTE:** GASPAS, MELIAM VIGANÓ. A CERÂMICA ARQUEOLÓGICA NA TERRA INDÍGENA KAIABI (MT/PA). 2014. TESE DE DOUTORADO. UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

**FIGURA 29:** FRAGMENTOS DO SÍTIO TT COM FULIGEM, BANHO, POLIDOR DE SULCO, ENGOBO BRANCO, POLIDOR DE SULCO CRUZADO E FULIGEM.



FONTE: GASPAR, 2014, P.84.

**FIGURA 30:** ACABAMENTOS DE SUPERFÍCIE DO CONJUNTO 3, SÍTIO TT. A) BANHO; B) ENGOBO VERMELHO; C) ENGOBO BRANCO; D) POLIDOR DE SULCO. (FOTOS: ADER GOTARDO)



FONTE: GASPAR, 2014, P.125.

**FIGURA 31:** 3.1.5 UNGULADO ARRASTADO



FONTE: LA SALVIA E BROCHADO (1989, P. 54).

Em predominância, as cerâmicas do gênero Tupiguarani são vinculadas a ações do

cotidiano. Considera-se, para tal colocação, o fator tamanho e cores com a presença de engobo geralmente interno e decoração plástica <sup>7</sup>dessas cerâmicas, que no caso das cerâmicas do sítio Moconha demonstram terem feito parte de uma vasilha ou pote de grande porte ao destacar o tamanho das bordas e as demais concordâncias com as colocações feitas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A continuidade das análises dos materiais cerâmicos em laboratório possibilitou novas considerações a respeito da procedência das cerâmicas do sítio arqueológico Moconha – Serra Grande, Paraíba, novamente enfatizando como sendo de uma região habitada por povos Tupis, devido aos padrões decorativos e dentro da possibilidade de terem vindo do estado do atual Ceará, mediante aspectos gerais ligados, principalmente, a quantidade de pinturas do material comparado a outros. Sendo assim, toda a pesquisa se caracteriza enquanto uma ponte em construção para reescrever a história dos nativos da Paraíba através de suas cerâmicas, visando expandir as análises para futuramente acrescentar datações e melhor entender o contexto, seja ele anterior ou posterior ao colonizador europeu, consolidar novas teses e desfazer ainda mais a questão da habitação nativa presa ao Tapuia interiorano e o Tupi litorâneo, que devido aos achados apresentados, não mais se aplicam dessa forma dentro da historiografia. Sendo assim, o sítio Moconha serve de norte para diversas pesquisas e a busca por novos espaços arqueológicos que sigam a mesma noção.

## REFERÊNCIAS

COMERLATO, Fabiana. (2021). Caderno da Oficina “Arqueologia & Preservação” no **XXI ENCONTRO REGIONAL DO NEMU**. 10.13140/RG.2.2.25613.05608.

COSTA, Giseli Santana da. **A iconografia cerâmica como marcador identitário dos grupos Tupiguarani em Pernambuco**. 2018. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

DELFORGE, Alexandre Henrique. **O sítio arqueológico Cerâmica Preta: estudo das técnicas e da cadeia operatória da cerâmica queimada em ambiente redutivo dos povos pré-coloniais praticantes da tradição cerâmica Aratu-Sapucai**. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

DA SILVA CAVALCANTE, Thamires; DE MEDEIROS, Thalles Rennan Maia; DE SOUZA SANTOS, Juvandi. Análise das cerâmicas do sítio arqueológico Moconha e a possível presença Tupi no interior da Paraíba. **Revista Tarairiú**, v. 1, n. 19, p. 1-29, 2022.

---

7 SCHMITZ, P. I. A decoração plástica na Cerâmica da tradição Tupiguarani. Os Ceramistas Tupiguarani, v. 2.



DE SOUZA SANTOS, Juvandi; DE SOUZA MORAIS, Karen Nadja. Índios Tupis no interior da Paraíba. **Revista Tarairiú**, v. 1, n. 17, p. 49-55, 2020.

GASPAR, Meliam Viganó. **A cerâmica arqueológica na terra indígena Kaiabi (MT/PA)**. 2014. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2014.

HERCKMAN, ELIAS. Descrição geral da Capitania da Parahyba. *Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*, tomo V, n. 31, 1886, p. 239- 288. Recife: Typographia Industrial.

LA SALVIA, Fernando; BTOCHADO, José Proença (org.) **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LOPES, Marlos Pereira et al. **Motivos gráficos dos vestígios cerâmicos do sítio Cachoeira I, Piauí**. *FUMDHAMentos* (2018), vol. XV, n. 1. pp. 93-118.

PROUS, A.; ANDRADE Lima, T. (eds). **Os ceramistas Tupiguarani**. Volume II. Elementos decorativos. Belo Horizonte: Superintendência do IPHAN em Minas Gerais. v.2 , 256p.2010.

PROUS. A. A Pintura Tupiguarani em Cerâmica. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, Suplemento 8: 11-20, 2009.

PROFESSORA Cristina. **MATRIZES DA ARTE NO BRASIL Módulo 1: Matrizes indígenas**. Professora Cristina. Disponível em: <https://docplayer.com.br/85696795-Revisao-1o-bim-8os-anos-professoracristina.html>. Acesso em: 29 de dez. de 2021.

SCHMITZ, P. I. A decoração plástica na Cerâmica da tradição Tupiguarani. In: **Os ceramistas Tupiguarani**. Volume II. Elementos decorativos. Belo Horizonte: Superintendência do IPHAN em Minas Gerais. v.2 , 256p.2010.

SILVA, A. L.; OLIVEIRA, C.A.de. Estudos sobre caracterização e classificação da decoração da cerâmica arqueológica pintada. **FUMDHAMentos** (2019), vol. XVI, n. 1. pp. 55-76.

TOCCHETTO, F.B. Possibilidades de interpretação do conteúdo simbólico da arte gráfica Guarani. **Rev.do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 6:33-45,1996.